2ª edição

Moacyr de Góes

DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER

(1961 • 1964)

Uma Escola Democrática

CORTEZ EDITORA

Moacyr de Góes. *De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964);* uma escola democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980 (Coleção Educação e Transformação, 3)

O autor, enquanto secretário de educação na gestão Djalma Maranhão como prefeito de Natal, foi o coordenador da *Campanha De pé no chão também se aprender a ler*. Preso e punido como "subversivo" em 1964 e afastado dos cargos e das funções públicas, após a anistia foi readmitido como professor na UFRN, mas não efetivamente incorporado a seus quadros. Como tarefa de pesquisa, historiou e analisou a experiência da Campanha, produzindo o primeiro livro publicado sobre ela, de sua criação em fevereiro de 1961 até sua extinção em abril de 1964.

Os dois primeiros capítulos apresentam inicialmente a cidade de Natal e seu quadro político, na gestão de Djalma Maranhão e, a seguir, sinteticamente, os principais movimentos de alfabetização e cultura popular do período, assim como os principais eventos da área de educação.

O longo terceiro capítulo abrange: 1. *A história factual*, na qual apresenta a Campanha em oito fases: as *escolinhas* para crianças, a engenharia escolar (orientação pedagógica, crescimento quantitativo, círculo de pais e mestres, pesquisa, merenda, hortas e aviários, recreação, promoção escolar, ampliações – bibliotecas, círculos de leitura, programa de rádio, folclore, convênio com a recém-criada UFRN, educação de adultos); a política globalizante da prefeitura (seminário sobre os problema da educação e cultura do município, envolvendo os intelectuais da cidade; valorização do folclore, praças de cultura, teatrinho do povo, Museu de Arte Popular Câmara Cascudo, 1º Congresso de Cultura Popular de Natal, em 1963). 2. *História interpretativa*, na qual revela o caráter inovador da experiência: escola não é só prédio, escola que começa pela práxis, o "partido arquitetônico" do acampamento escolar – ou seja, o conjunto de construções de chã batido e cobertura de sapé, os galpões que abrigam as *escolinha*s, o *pavilhão* circular para as atividades coletivas, as áreas de recreação e posteriormente as oficinas para a iniciação profissional, da *Campanha De pé no chão se aprende uma profissão.* Situa o aproveitamento das *escolinhas* para a alfabetização de adultos e destaca a importância do círculo de pais, como instância de reunião dos moradores e canal de suas reivindicações para a melhoria dos bairros (água, luz, saneamento). Um encarte de fotos ilustra as *escolinhas* e o *acampamento*, mostrando crianças em aula, na recreação, nas oficinas, na horta, assim como de algumas reuniões de autoridades em eventos. 3. *A história interpretativa*, examina documentos que sobreviveram ao desmonte em abril de 1964, alguns reproduzidos no anexo: o primeiro relatório de orientação pedagógica (dezembro de 1961), as propostas pedagógicas contidas nas "unidades de trabalho"; os quatro relatórios de pesquisa realizados nos acampamentos, documentos legais, a cartilha de alfabetização de adultos, adaptada do *Livro de Leitura para Adultos do MCP*, a última proposta pedagógica (setembro de 1963). Essas três seções são complementadas por um informe sobre a repressão sofrida pelos que trabalhavam na prefeitura e na campanha, a partir dos primeiros dias de abril de 1964, as prisões e os inquéritos instaurados, e uma breve mas elucidativa interpretação desses fatos.

Finalmente, o quarto capítulo propõe uma visão retrospectiva, apresentando um quadro síntese das fases da Campanha e uma reflexão sobre o processo político-ideológico vivido, na superação do sistema tradicional e na perspectiva de uma proposta socialista.

O livro de Moacyr de Góis, principal responsável pela *Campanha De pé no chão também se aprende a ler*, uma das mais ricas experiências de educação popular e cultura popular do início dos anos de 1960, de base municipal, em primeiro lugar, é um documentário preciso; em segundo, um testemunho eloqüente. *De pé no chão* foi muito mais que uma "campanha", no sentido tradicional do termo. Como o MCP – Movimento de Cultura Popular do Recife, representou, nos próprios termos do autor, uma "política globalizante" da prefeitura na área de educação e cultura, inicialmente atendendo à escolarização de crianças dos bairros populares, depois oferecendo instrumentos de cultura para toda a população, organizando a alfabetização de adultos e cursos de iniciação profissional. Esse o conteúdo da educação feita com o povo, desdobrada nas atividades de cultura popular.